



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIAS ATIVAS DE
ENSINO APRENDIZAGEM**

JÉSSICA SOUSA DOS SANTOS

**DESAFIOS E INTERSEÇÕES NA EDUCAÇÃO:
representatividade étnico-racial, tecnologia e aprendizagem ativa**

JUAZEIRO

2024

JÉSSICA SOUSA DOS SANTOS

**DESAFIOS E INTERSEÇÕES NA EDUCAÇÃO:
representatividade étnico-racial, tecnologia e aprendizagem ativa**

Trabalho apresentado à Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, como requisito para obtenção do título de Especialista em Metodologias Ativas.

Orientadora: Prof^a Dr^a Lukary Oliveira Takenami.

JUAZEIRO

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIAS ATIVAS DE
ENSINO APRENDIZAGEM

FOLHA DE APROVAÇÃO

JÉSSICA SOUSA DOS SANTOS

DESAFIOS E INTERSEÇÕES NA EDUCAÇÃO:
representatividade étnico-racial, tecnologia e aprendizagem ativa

Trabalho apresentado à Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, como requisito para obtenção do título de Especialista em Metodologias Ativas.

Aprovado em: 15 de janeiro de 2024.

Banca Examinadora

Profª Drª Lukary Oliveira Takenami
Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

Profª Ma Dailza de Araújo Lopes
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Prof Dr Gustavo Nunes de Oliveira Costa
Universidade Salvador (UNIFACS)

DESAFIOS E INTERSEÇÕES NA EDUCAÇÃO: representatividade étnico-racial, tecnologia e aprendizagem ativa

*Jéssica Sousa dos Santos
lukary Takenami*

RESUMO

A sociedade contemporânea, impulsionada pelo avanço tecnológico, enfrenta transformações profundas que desafiam estruturas tradicionais e moldam novos cenários educacionais. Não obstante, observa-se ainda desafios significativos na tentativa de integrar de forma autêntica a diversidade étnico-racial nos atuais paradigmas tecnológicos. Este estudo tem como objetivo analisar as interações entre representação étnico-racial, avanços tecnológicos e design de materiais didáticos digitais, com foco na perspectiva da aprendizagem ativa. Trata-se de um ensaio teórico-reflexivo, de abordagem qualitativa, que incorpora análises de teorias contemporâneas, como as de Stuart Hall, Rosane da Silva Borges, bell hooks e Tarcízio Silva, explorando a influência da tecnologia nas dinâmicas sociais e educacionais. As transformações sociais e tecnológicas desafiam estruturas tradicionais, influenciando a produção de conhecimento e reconfigurando as representações raciais. A valorização de diversas matrizes científicas emerge como um elemento crucial na formação da identidade, questionando padrões cognitivos e culturais estabelecidos. Os avanços tecnológicos reconfiguram a educação, destacando a importância da modalidade a distância. Os Objetos de Aprendizagem, embora ofereçam recursos virtuais, enfrentam desafios de representação e vieses, com especial atenção ao racismo algorítmico em plataformas digitais. Na produção de materiais didáticos digitais, os princípios pedagógicos são seguidos, mas persistem desafios de representação e visibilidade, notadamente o racismo algorítmico. A reflexão sobre as imagens e a preocupação com a representatividade tornam-se essenciais para uma educação inclusiva. Os resultados destacam a urgência de repensar a produção de materiais didáticos digitais, promovendo a diversidade e combatendo vieses. A integração de metodologias ativas é crucial, estimulando uma educação consciente e inclusiva, reconhecendo a importância da representatividade nas plataformas digitais e capacitando os alunos para uma participação ativa na construção de uma sociedade mais equitativa.

Palavras-chave: Aprendizagem ativa. Representatividade. Tecnologia. Racismo

ABSTRACT

Contemporary society, driven by technological advances, undergoes profound transformations that challenge traditional structures and shape new educational scenarios. Nevertheless, significant challenges are still observed in the attempt to authentically integrate ethnic and racial diversity into current technological paradigms. This study aims to analyze the interactions between ethnic-racial representation, technological advancements, and the design of digital educational

materials, focusing on the perspective of active learning. It is a theoretical-reflexive essay, with a qualitative approach, incorporating analyses of contemporary theories such as those by Stuart Hall, Rosane da Silva Borges, bell hooks e Tarcízio Silva exploring the influence of technology on social and educational dynamics. Social and technological transformations challenge traditional structures, influencing knowledge production and reconfiguring racial representations. The appreciation of diverse scientific frameworks emerges as a crucial element in identity formation, questioning established cognitive and cultural patterns. Technological advances reshape education, emphasizing the importance of distance learning. Learning Objects, while providing virtual resources, face challenges of representation and biases, with special attention to algorithmic racism on digital platforms. In the production of digital educational materials, pedagogical principles are adhered to, but challenges of representation and visibility persist, notably algorithmic racism. Reflection on images and concern for representativity become essential for inclusive education. The results highlight the urgency of reconsidering the production of digital educational materials, promoting diversity, and combating biases. The integration of active methodologies is crucial, stimulating conscious and inclusive education, recognizing the importance of representativity on digital platforms and empowering students for active participation in building a more equitable society.

Keywords: Active learning; Representativity; Technology; Racism.

INTRODUÇÃO

A esfera educacional enfrenta desafios significativos na tentativa de integrar de forma autêntica a diversidade étnico-racial em uma perspectiva decisória no que se diz respeito à sua fundamentação, configuração e materialização. Infelizmente, ainda hoje há a perpetuação de preconceitos e a marginalização de valiosas contribuições de grupos diversos, principalmente não brancos (Silva, 2011). Ana Célia da Silva, em sua obra "A discriminação do negro no livro didático" (1995), explorou essa problemática de forma incisiva, denunciando a disseminação de estereótipos com base em uma visão hegemônica e eurocêntrica em livros didáticos da educação básica no Brasil.

A concepção de hegemonia explorada neste estudo está fundamentada na corrente teórica da "colonialidade do poder", conforme apresentada por Aníbal Quijano (2005). Esta abordagem representa uma vasta perspectiva epistemológica, política e pedagógica, que se volta para a possibilidade de desenvolvimento de um pensamento crítico a partir da experiência dos subalternizados pela modernidade europeia capitalista. É um projeto teórico comprometido com a reflexão crítica e

transdisciplinar, contrapondo-se às correntes acadêmicas predominantes que adotam uma perspectiva eurocêntrica na construção do conhecimento (Walsh, Oliveira, Candau, 2018).

No livro “A Representação Social do Negro no Livro Didático: O que mudou? Por que mudou?” de Silva (2011), são evidenciados os avanços identificados da representação social do negro ao longo dos anos no contexto narrativo dos livros didáticos. A autora ainda enfatiza a urgência inegável de efetivar essas mudanças, pois a internalização de uma representação inferiorizada pode gerar autorrejeição e rejeição aos semelhantes, além de afetar o reconhecimento e respeito por parte de indivíduos de outras raças/etnias em relação aos negros.

Sabe-se que o avanço tecnológico impulsiona mudanças significativas em diversas áreas. Nesse cenário dinâmico, os estímulos sensoriais, especialmente visuais, exercem influência sobre a subjetividade humana. Assim, a concepção da identidade, anteriormente considerada rígida e imutável, está sendo gradativamente redefinida como flexível, sujeita a mudanças influenciadas por representações sociais. Estas desempenham um papel crucial na construção das identidades (Oliveira; Santos; Borges, 2013).

Segundo Hall (2006), numa perspectiva da identidade no contexto da pós-modernidade, é possível observar uma significativa mudança estrutural que se desenrolou no final do século XX. Essa transformação fragmentou as paisagens culturais que, anteriormente, estabeleciam sólidas ancoragens para indivíduos em termos de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Esses elementos, que outrora forneciam bases estáveis para a construção da identidade social, encontram-se agora em constante transformação, gerando impactos profundos nas identidades pessoais e minando a concepção de sujeitos plenamente integrados.

Assim, a concepção de identidade é entendida como fluida e mutável, abandonando a visão de pessoas como sujeitos coesos e unificados. Em vez disso, indivíduos são vistos como seres cujas identidades se formam a partir de uma multiplicidade de influências e contextos. Essa fragmentação das identidades individuais emerge como uma decorrência da era pós-moderna, desafiando os conceitos tradicionais de identidade fixa e estável diante da crescente diversidade cultural, social e política.

No âmbito educacional, a transição dos livros impressos tradicionais para os materiais didáticos digitais, surge uma questão relevante a ser debatida. Dessa forma, é interessante questionar como a formação da identidade e representação do indivíduo negro se manifesta nesse novo formato de comunicação educacional? Se torna imprescindível compreender como essa transição afeta a maneira como a diversidade étnico-racial é retratada nesses contextos, uma vez que analisar as representações sociais e as significativas reformulações dos currículos e dos recursos pedagógicos se configura como o cerne da educação contemporânea.

Um exemplo marcante dessa corrente transformadora no âmbito educacional é a Lei 10.639/03, uma normativa que impõe a obrigatoriedade da inserção da história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos regulares de toda a educação básica no Brasil. Essa legislação foi promulgada com o propósito de reconfigurar a memória dos afro-brasileiros no processo de construção do país. A efetivação dessa lei é essencial para fomentar uma educação inclusiva, destacando a identidade afrodescendente e reconhecendo-a como geradora e mantenedora de cultura, valores e saberes.

A configuração da educação contemporânea, denominada como Educação 3.0, reflete uma nova abordagem em que as tecnologias digitais de informação e comunicação estão intrinsecamente incorporadas ao cotidiano do estudante (Souza, 2022). Nesse contexto, uma variedade de recursos educacionais diversificados surge em diferentes formatos e são acessíveis por meio de plataformas concebidas para a distribuição de uma ampla gama de informações. Essas ferramentas são percebidas de maneira distinta, proporcionando estímulos visuais que influenciam a forma como o processamento de informações e conhecimentos é realizado pelo estudante.

Essa transição não apenas desafia a forma como o conhecimento é transmitido, como também está intrinsecamente ligada à busca por uma educação que atenda à perspectiva de aprendizagem ativa e significativa, integrando o conceito de multiculturalismo. No qual, hooks (2013)¹ destaca que o multiculturalismo capacita educadores e facilitadores educacionais a reconhecerem as fronteiras que influenciam a maneira como o conhecimento é compartilhado, tanto em ambientes físicos de sala de aula quanto no contexto virtual de aprendizagem.

¹ O nome "bell hooks" é empregado em letra minúsculas como um posicionamento que busca romper as convenções linguísticas e acadêmicas, direcionando a atenção para o trabalho da autora em vez de sua pessoa.

Essa abordagem busca criar uma educação transformadora, permitindo que os indivíduos desenvolvam uma consciência crítica sobre si mesmos e sobre a realidade em que estão inseridos.

Frente à vasta quantidade de informações acessíveis na internet e em outras fontes, os estudantes almejam um modelo educacional que possibilite abordagens inovadoras no aprendizado e na construção do conhecimento. Nesse contexto, torna-se imperativo não apenas entender a quantidade de dados disponíveis, mas também refletir sobre como essas informações moldam as identidades dos estudantes nesse novo paradigma educacional. Diante desse cenário dinâmico, é crucial promover uma discussão aprofundada sobre a formação das identidades no contexto educacional contemporâneo. Isso implica não apenas em adaptar, mas em aprimorar o viés pedagógico, alinhando-o com as exigências dessa era digital e reconhecendo a diversidade cultural global. Assim, o objetivo desse estudo é, utilizando uma abordagem qualitativa debatida através de um ensaio teórico-reflexivo, analisar as interações entre representação étnico-racial, avanços tecnológicos e *design* de materiais didáticos digitais, com foco na perspectiva da aprendizagem ativa. O propósito é identificar lacunas presentes nesse contexto e oferecer propostas de soluções para superar esse desafio.

METODOLOGIA

Este estudo constitui um ensaio teórico-reflexivo, elaborado por meio da análise crítica da literatura disponível em livros e artigos científicos que abordam a interconexão entre a noção de identidade contemporânea, a representatividade étnico-racial em materiais didáticos digitais e os princípios da aprendizagem ativa, visando a construção de uma educação inclusiva orientada para a alteridade.

Com o intuito de aprofundar esses temas, optou-se por uma abordagem de pesquisa qualitativa, uma vez que, conforme destaca (Meneghetti, 2011 p. 322), "o ensaio caracteriza-se pela sua natureza reflexiva e interpretativa, diferente da forma classificatória da ciência". Essa escolha metodológica permite uma análise mais aprofundada e interpretativa das interações entre identidade, representação étnico-

racial e práticas educacionais ativas, contribuindo para uma compreensão ampliada e contextualizada dessas complexas dinâmicas.

A busca por literatura foi realizada sem restrição temporal, considerando obras clássicas e referências contemporâneas, configurando-se como uma pesquisa exploratória em bases de dados na internet, como o *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), o Portal de Periódicos CAPES e o Google Acadêmico. Foram utilizadas palavras-chave como "tecnologia digital na educação", "racismo", "representação do negro em materiais digitais" e "aprendizagem ativa".

Os estudos selecionados foram submetidos a uma análise crítica detalhada para extrair conceitos, abordagens e conclusões sobre a inclusão e representatividade étnico-racial nos materiais didáticos digitais, tema que até então não é tão debatido nesse campo da educação. Por isso, esta metodologia específica se debruça no novo, conforme Meneghetti (2011, p. 324):

A originalidade da argumentação consiste em achar elementos novos e diferentes dos tradicionalmente apresentados, ou seja, é nova razão, prova, demonstração ou indício que modificam a compreensão qualitativa do objeto, contudo sem fazer do próprio argumento uma verdade em si mesma.

Os resultados obtidos foram sintetizados em uma discussão abrangente, abordando descobertas principais, lacunas identificadas no campo de estudo e implicações potenciais para o aprimoramento da representatividade étnico-racial nos materiais didáticos digitais. Esta síntese busca promover reflexões críticas e oferecer percepções valiosas para a prática educacional inclusiva e sensível à diversidade étnico-racial.

Os teóricos selecionados para fundamentar esta discussão abordam de forma profunda e perspicaz a valoração da diversidade étnico-racial, além de lançar luz sobre a intersecção entre tecnologias, mídias digitais e educação. Com o propósito de redefinir a narrativa racial e promover transformações substanciais na percepção da educação, os pensadores escolhidos, como Tarcízio Silva (2020), bell hooks (2013, 2019) e Stuart Hall (2016), oferecem uma ampla variedade de perspectivas.

Além disso, a exploração da interação entre tecnologia, mídias digitais e educação é enriquecida por autores como Rosane da Silva Borges (2015), que se aprofunda nas transformações digitais e sua influência na disseminação de informações e conhecimento. Adicionalmente, as abordagens abrangentes e

inovadoras discutidas visam ampliar ainda mais o horizonte dessa discussão, trazendo reflexões pertinentes sobre como a tecnologia e as mídias digitais impactam a experiência educacional e a representação da diversidade étnico-racial. Juntos, esses autores formam um conjunto robusto de fundamentos teóricos que enriquecem a compreensão do complexo entrelaçamento entre educação, diversidade e tecnologia na contemporaneidade.

Por fim, a metodologia culmina em uma conclusão reflexiva que integra as descobertas obtidas, destacando a importância da representatividade étnico-racial na construção de materiais didáticos digitais inclusivos e apontando caminhos para futuras pesquisas e ações práticas que fortaleçam a educação para a alteridade e comunicação em ambientes educacionais diversos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

INTERSEÇÕES TECNOLÓGICAS E IDENTITÁRIAS: EXPLORANDO NOVOS CENÁRIOS EDUCACIONAIS E SOCIAIS

As transformações que têm influenciado profundamente as dinâmicas humanas, seja nas relações internas ou nas interações com os outros, estão intrinsecamente ligadas ao avanço da tecnologia e às mudanças no ambiente em que ocorrem. Conforme nos ajustamos a uma sociedade cada vez mais tecnológica, novos cenários estão surgindo no âmbito educacional, desafiando abordagens tradicionais e abrindo portas para oportunidades revolucionárias. Conforme Hall (2006, p. 25):

As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Antes se acreditava que essas eram divinamente estabelecidas; não estavam sujeitas, portanto, a mudanças fundamentais.

Assim, compreende-se que as transformações sociais, tecnológicas e culturais romperam com tradições arraigadas, questionando as estruturas outrora tidas como inflexíveis. Esse movimento possibilitou a libertação do indivíduo de padrões anteriormente considerados inquestionáveis e estáveis. Essa perspectiva

tem relevância crucial no âmbito educacional, influenciando tanto a reprodução quanto a produção de conhecimento.

Borges (2015) enfatiza pontos cruciais que merecem atenção na reconfiguração das formas de conceber e produzir conhecimento. Esses aspectos incluem a valorização de diversas matrizes científicas, a importância de uma proposta pedagógica alinhada com as várias materialidades presentes no contexto comunicacional, a consideração cuidadosa do ambiente em que as informações são transmitidas e acessadas, a interligação dessas conexões com os processos de formação da identidade e a influência dos padrões cognitivos em relação a si mesmo e à sociedade.

A abordagem agora direciona-se para as dinâmicas associadas à temática racial, sendo que hooks (2019) sublinha questões relacionadas à raça, enfatizando que a manipulação dessas representações visuais e a moldagem de identidades constituem estratégias de dominação racial. Diante desse contexto em evolução, artistas e intelectuais negros e negras estão em busca de abordagens inovadoras para reexaminar essa temática, esforçando-se ativamente para redesenhar o cenário existente.

Conforme discutido por Borges (2015), as representações, embora não sejam o ápice do processo de construção das identidades, fornecem elementos tanto de projeção quanto de identificação. Elas constituem uma maneira de se situar diante do caos e da profusão de informações e possibilidades que caracterizam a contemporaneidade. A autora ainda revela que as representações veiculadas pela mídia moldam o cotidiano, apresentam modelos de identificação e projeção, reforçam determinados comportamentos e, ao mesmo tempo, podem oferecer alternativas às representações dominantes.

Os recursos didáticos, como livros, materiais impressos, vídeos e mídias digitais, desempenham um papel importante na disseminação do conhecimento e na formação das perspectivas dos indivíduos atualmente. Eles não são apenas veículos para transmitir informações, mas também refletem valores, ideologias e culturas presentes na sociedade. O livro didático, por exemplo, tem sido historicamente um importante instrumento para moldar a educação e disseminar ideias. No entanto, também pode carregar vieses preconceituosos.

Silva (2011) destaca que, os materiais didáticos podem perpetuar estereótipos e valores das classes dominantes, refletindo uma visão eurocêntrica

que marginaliza outras culturas e perspectivas. Isso pode levar a uma compreensão desequilibrada da história, ciência e outras disciplinas, reforçando assim as hierarquias sociais existentes.

Com o avanço da tecnologia, os recursos didáticos evoluíram. A migração para o formato digital trouxe consigo novas possibilidades e desafios. Por um lado, a tecnologia permitiu maior acessibilidade ao conhecimento, tornando-o mais flexível e personalizado. Materiais educativos digitais, como aplicativos interativos, vídeos *on-line* e plataformas de ensino à distância, têm o potencial de diversificar as fontes de informação e oferecer abordagens de ensino mais envolventes.

Por outro lado, a digitalização também apresenta preocupações. A disponibilidade desigual de acesso à tecnologia pode ampliar as disparidades educacionais, deixando alguns estudantes em desvantagem. Além disso, os materiais digitais não estão isentos de preconceitos e representações tendenciosas. A visão eurocêntrica pode persistir, mesmo em recursos digitais, perpetuando assim a exclusão e a marginalização das minorias sociais.

Conforme Hall (2016), uma abordagem para desafiar a representação estereotipada da pessoa negra envolve a construção de uma identidade positiva, buscando subverter o contexto por meio de representações afirmativas, destacando suas vidas e culturas. Essa perspectiva não somente amplia o leque de representações sociais, mas também expande a própria definição do que significa "ser negro", desafiando, desse modo, a simplificação prejudicial dos estereótipos.

No enfrentamento dessas questões, é imperativo que educadores e desenvolvedores de recursos educativos digitais estejam atentos aos vieses culturais e sociais presentes nos materiais. É necessário, em primeiro lugar, compreender como o racismo permeia as estruturas da sociedade. A partir desse entendimento, podem ser elaboradas estratégias que incorporam perspectivas diversas, assegurando que os materiais produzidos não contribuam para a perpetuação das desigualdades.

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO MIDIÁTICA NA ERA DIGITAL: PERSPECTIVAS EM UM MUNDO CONECTADO

A sociedade contemporânea está profundamente influenciada pelos avanços tecnológicos, que não apenas acompanham, mas reconfiguram as ideologias sociais e econômicas. Essa dinâmica resulta na criação de esferas em que a informação flui incessantemente, ancorada nas representações que construímos de nós, dos outros e nos símbolos que sustentam essa sociedade impulsionada pela tecnologia.

Neste contexto, a urgência de redefinir o ensino e a aprendizagem, impulsionada pela mídia digital, está conduzindo a uma adaptação significativa nas estruturas educacionais para atender às demandas da academia, do governo e do mercado. Essa mudança se destaca na transição do ensino tradicional presencial para um modelo baseado na comunicação através de dispositivos computacionais (Borges, 2015).

Assim, os ambientes computacionais de ensino e os conteúdos digitais emergem como tecnologias fundamentais para conduzir os processos educacionais, tanto em ambientes presenciais quanto à distância. Nesse sentido, ao nos concentrarmos na educação a distância, é possível afirmar que, conforme Barros (2010), configura-se como “um poderoso meio de produção e disseminação do conhecimento, por meio da incorporação das tecnologias de informação e comunicação”.

Neste cenário, os Objetos de Aprendizagem (OAs) assumem um papel proeminente, permitindo uma vasta gama de recursos educacionais de forma virtualizada, capazes de mesclar diferentes linguagens e contextos (Galafassi; Gluz; Galafassi, 2013). Embora ainda recentes, os OAs podem ser definidos, segundo Galafassi, Gluz e Galafassi (2013, p. 42), como “uma espécie de “porção” reutilizável de conteúdo educacional”. Na construção desses recursos, é considerada uma variedade de aspectos técnicos e pedagógicos, dentre os quais a diversidade se destaca.

Os OAs representam uma oportunidade valiosa para a integração de diferentes formas de mídia, permitindo a apresentação, compartilhamento, discussão e debate de conceitos e temas específicos. Eles englobam uma ampla gama de linguagens, como textos, imagens, vídeos e outras formas audiovisuais. Contudo, é importante reconhecer que, assim como qualquer recurso didático, os OAs não estão imunes aos vieses hegemônicos excludentes.

Nesse sentido, torna-se cada vez mais relevante questionarmos quais princípios que devem orientar a educação em mídia e identificar o que está à

margem desse processo educativo. Esse ponto ganha ainda mais relevância ao considerarmos a afirmação de Borges (2015), que ressalta a influência dos enunciados escritos, orais e imagéticos, tanto dentro quanto fora do contexto escolar, os quais se alinham aos acordos sociais estabelecidos neste campo cognitivo. Sob essa ótica, Borges (2015 p.748) ainda destaca:

As chamadas novas narrativas compreendem aos textos produzidos nos dispositivos eletrônicos e digitais, forjados nas últimas décadas. Esses relatos contemporâneos (que povoam as redes sociais, as conversas instantâneas, as informações digitais) muitas vezes têm mais ressonância que as antigas e tradicionais formas simbólicas de transmissão do saber, como o livro impresso. Urgente se faz uma aliança entre essas novas narrativas, formas de educar e exercício da alteridade.

Se torna urgente apontar o caráter formativo e educativo presentes nos discursos midiáticos e refletir sobre os aspectos pedagógicos que os sustentam. Assim como buscar estabelecer uma conexão entre essas novas narrativas, os métodos educacionais e o exercício da compreensão e aceitação das diferenças entre as pessoas (alteridade). Isso indica a importância de integrar essas novas formas de narrativa na esfera educacional e reconhecer sua relevância na construção do conhecimento e na promoção da empatia e compreensão mútua. É um chamado para explorar e integrar as potencialidades das narrativas digitais no contexto educativo e no entendimento das diversas perspectivas e experiências humanas.

Quando exploramos a educação no contexto das interações midiáticas, torna-se fundamental priorizar abordagens disruptivas e inquisitivas. O caráter educativo, diante dessa perspectiva, deve visar a formação de indivíduos capazes não apenas de absorver passivamente informações, mas também de questionar e desafiar as estruturas educacionais estabelecidas. Como afirma hooks (2013, p.53), "nenhuma educação é politicamente neutra", o que ressalta a importância de adotar perspectivas críticas.

Para abraçar metodologias insurgentes, é crucial estar aberto a um modelo de ensino que promova uma consciência abrangente, considerando questões de raça, gênero e classe social. Essa abordagem não apenas estimula a reflexão, mas também capacita os alunos a entenderem e questionarem as dinâmicas sociais

subjacentes às informações veiculadas pelas mídias. Ao integrar uma consciência desses aspectos, os estudantes são incentivados a analisar criticamente as narrativas midiáticas, reconhecendo os vieses implícitos e desafiando preconceitos arraigados. Isso não só promove a autonomia intelectual, mas também prepara indivíduos para se tornarem participantes ativos na construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

No âmbito do enfrentamento dos discursos excludentes presentes nos ambientes formativos, especialmente na educação para as mídias, ligada aos princípios de aprendizagem ativa e significativa, estudiosos têm debatido uma concepção educacional centrada no exercício da alteridade. Borges (2015) aborda sobre um novo campo teórico chamado educomunicação, inspirado em pesquisas latino-americanas. Este campo dedica-se a oferecer uma perspectiva crítica dos discursos midiáticos, os quais estão profundamente enraizados em valores dominantes, visando desafiar e superar a influência hegemônica presente nos conglomerados de informação e entretenimento.

A educomunicação possui uma abordagem sinérgica muito similar aos fundamentos da aprendizagem ativa. Trata-se, sobretudo, de ler o mundo através da prática pedagógica transformadora, na qual as tecnologias e os processos de mediação dos nossos dias fazem parte integrante, permitindo-nos participar ativamente por meio de ferramentas que tecem os laços sociais. Assim, é valorizada a protagonização do estudante enquanto produtor e disseminador de discursos que conectam e promovem identidades positivas (Borges, 2015).

Nesse contexto, destaca-se a produção e disseminação do conhecimento a partir de uma perspectiva plural, na qual as formas de discriminação, assim como o racismo epistêmico², não terão caráter determinante nas formas de saber. Exemplos destas práticas contra-hegemônicas, são as “iniciativas como a Lei 10.639/03 e a 11.645 uma episteme que valoriza uma forma do saber, homogeneíza formas da experiência, modos de ser e existir.” (Borges, 2015, p.749).

Dessa maneira, os novos formatos e configurações propostos para a educação e práticas pedagógicas, influenciadas pelas transformações sociais e

² Durante um extenso período, os espaços acadêmicos foram responsáveis por promover o afastamento e a negação de conhecimentos não-ocidentais, adotando predominantemente um currículo eurocêntrico. Isso resultou no apagamento de epistemologias africanas e indígenas. Nesse contexto, o racismo epistêmico está diretamente relacionado à estruturação teórica que favorece os conhecimentos elaborados pelo ocidente, relegando os não-ocidentais a uma posição considerada inferior.

tecnológicas, devem incluir discussões e estratégias para combater as antigas formas de preconceito e discriminação. Isso porque, neste contexto, o racismo, conforme abordado por Silvio (2019), é compreendido como parte do processo de formação da subjetividade, uma ideologia que distorce a visão da realidade e é reforçada pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional.

Em resumo, os novos métodos de ensino e aprendizado vinculados às mídias digitais precisam discutir e compreender as perspectivas da diversidade. As abordagens adotadas devem promover a prática da reflexão e do enfrentamento do racismo e de outras formas de discriminação em diversas esferas, principalmente ao considerar o *design* de conteúdos educativos compartilhados no formato digital.

PERSPECTIVAS NA PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS DIGITAIS: REFLEXÕES SOBRE DIVERSIDADE, RACISMO ALGORÍTMICO E EDUCAÇÃO INCLUSIVA

No contexto contemporâneo, as transformações nas matrizes discursivas, enraizadas nas práticas sociais, delineiam nossas formas de existência (Borges, 2015). Essas mudanças são evidentes na esfera educacional, em que a virtualização do ensino impulsionou a produção de materiais didáticos digitais, seguindo princípios pedagógicos essenciais, como diversidade, reusabilidade, dialogicidade e acessibilidade, orientando a elaboração desses recursos pelo corpo pedagógico.

Os OAs, construídos com diversas mídias, buscam não apenas educar para a alteridade, mas compreender as representações sociais e seu impacto na formação das subjetividades dos sujeitos. A concepção de aprendizagem ativa nesse contexto preconiza não apenas a acessibilidade dos recursos, mas também zela pela integridade pedagógica deles.

A aprendizagem ativa é uma abordagem que reforça a importância de produzir e consumir materiais educativos que representem autenticamente a diversidade étnico-racial, desafiando estereótipos e fomentando a inclusão. Engloba, também, a formação de pessoas capazes de interpretar criticamente conteúdos

midiáticos e digitais, entendendo o papel dos algoritmos na representação e visibilidade de grupos étnico-raciais.

No trabalho intitulado "Racismo algorítmico em plataformas digitais: microagressões e discriminação em código," Silva (2020) levanta questões cruciais relacionadas a esse contexto. O autor discute a interação entre diversos grupos identitários no âmbito da comunicação e cultura digital, ao mesmo tempo que denuncia a alegada neutralidade de plataformas e mídias, que muitas vezes é fundamentada em um tecnoliberalismo em ascensão (Silva, 2020).

Ainda de acordo com o mesmo autor, na era computacional, os sistemas algorítmicos estão cada vez mais assumindo a responsabilidade de tomar decisões em nosso lugar. Essas decisões têm impactos em diversos níveis, podendo influenciar o comportamento e as condutas dos usuários de maneira discreta. Em muitos casos, tais decisões contribuem para a reprodução de relações de poder e opressão já existentes na sociedade, como é o caso do racismo.

O termo "microagressões algorítmicas" destaca o fenômeno em que algoritmos, de maneira sutil e muitas vezes imperceptível, podem perpetuar preconceitos, estereótipos ou discriminações (Silva, 2020). A menção a essa noção destaca a importância de considerar as implicações dessas transformações nos conteúdos digitais, indicando a necessidade de uma análise mais aprofundada das potenciais influências negativas que os algoritmos podem ter na representação e visibilidade de diversos grupos na sociedade.

Diante desse cenário, Silva (2020) argumenta que o racismo *on-line* é uma realidade que se configura como um sistema de práticas direcionadas às pessoas racializadas, privilegiando um grupo social específico para a manutenção do poder político, econômico e cultural nos espaços digitais. O autor destaca:

"Nos ambientes digitais, entretanto, temos um desafio ainda mais profundo quanto à materialidade dos modos pelos quais o racismo se imbrica nas tecnologias digitais através de processos 'invisíveis' nos recursos automatizados como recomendação de conteúdo, reconhecimento facial e processamento de imagens" (Silva, 2020, p. 130).

Concentrando-nos na perspectiva de que a educação tem se transformado para atender às demandas da sociedade, adentrando nos campos político, cultural e mercadológico, é possível afirmar a necessidade de investigar os ideais de

horizontalização das relações e a plataformização da comunicação. Diante dos processos de negação das realidades raciais e da ideia de democracia racial, é comum em nossa sociedade utilizar o sistema educativo, no caso do Brasil, para negar desigualdades raciais e sociais.

Ao considerarmos a produção de materiais didáticos para cursos à distância, torna-se essencial compreender não apenas o que é Ensino à Distância (EaD), mas também quem constitui o público que opta por essa modalidade de formação. Além disso, é crucial entender as dinâmicas subjacentes a essa virtualização, explorando os vestígios sociais intrincados em abordagens muitas vezes excludentes.

Nesse ponto, ressalta-se a importância de abordar a questão das imagens como representações, indagando como essas imagens são empregadas na produção de conteúdo educativo em OAs e outros recursos nas mídias digitais. As imagens na internet desempenham um papel significativo ao padronizar e fixar os enunciados midiáticos, sendo essenciais para a estabilidade dos programas educacionais. Elas não apenas transmitem mensagens, mas também se integram ao processo de ensino e aprendizagem. O debate em torno dos bancos de imagens gratuitos tem sido extenso, visto que esses recursos fornecem imagens sem direitos autorais, as quais podem ser utilizadas na composição do *design* de diversos conteúdos.

Algumas pesquisas denunciaram a presença de viés sexista e racista relacionados à disponibilização de imagens nesse contexto³. São abordadas as representações de mulheres e pessoas negras, analisando seus retratos raciais e visibilidade nos sites em questão (Silva, 2020).

Refletindo sobre essa construção flexível da identidade numa sociedade contemporânea e como a educação para as mídias permeia esse contexto, a necessidade urgente de questionar e reformular as representações de mulheres e pessoas negras, promovendo uma reflexão sobre a educação para as mídias emerge como uma ferramenta crucial para moldar essa narrativa, ressaltando a importância de um compromisso contínuo com a promoção da diversidade e da igualdade em todos os níveis do ensino digital.

³ CARRERA, Fernanda. Racismo e sexismo em bancos de imagens digitais: análise de resultados de busca e atribuição de relevância na dimensão financeira/profissional. **COMUNIDADES, ALGORITMOS E ATIVISMOS DIGITAIS**, p. 139, 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interação entre avanços tecnológicos, representação étnico-racial e materiais didáticos digitais delinea uma paisagem educacional em constante evolução. As transformações moldadas pelo progresso tecnológico têm uma influência significativa na construção das identidades e na dinâmica das interações humanas. Nesse contexto, a flexibilidade da identidade, antes concebida como estática, agora se revela como um fenômeno mutável, moldado por representações sociais e estímulos visuais que desempenham um papel preponderante nesse processo.

No âmbito educacional, o avanço tecnológico desencadeou uma metamorfose profunda, remodelando desde a elaboração de currículos até a seleção de recursos pedagógicos. Os materiais didáticos digitais se apresentam como uma ferramenta imprescindível, assegurando a continuidade do processo de aprendizagem ao oferecer flexibilidade e acesso global aos estudantes, independentemente de suas localizações geográficas.

Diante desse cenário em constante mutação, esta pesquisa visou explorar as interseções entre representação étnico-racial, avanços tecnológicos e *design* de materiais didáticos digitais através de um ensaio teórico-reflexivo. O cerne deste estudo foi discutir sobre a representatividade e a diversidade étnica nos materiais educacionais empregados na educação a distância.

Através das leituras realizadas, percebe-se que o debate em torno dos discursos e vieses midiáticos racistas ainda é incipiente no campo teórico da produção de conteúdo para o EaD. A atenção voltada à construção de recursos narrativos e representativos, disseminados por meio de materiais educativos presentes na internet e em outras mídias digitais, ainda não recebeu a devida ênfase

Por isso, as reflexões trazidas por esta pesquisa reforçam ainda mais a importância de abordagens inclusivas e representativas na educação, reconhecendo o papel central da tecnologia na redefinição de identidades e na oferta de acesso igualitário ao conhecimento. Essa pesquisa oferece um alicerce sólido para aprimorar a integração da representatividade étnico-racial nos materiais didáticos digitais, um passo fundamental rumo a uma educação mais equitativa e inclusiva.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
BARROS, T. N., & SILVA, T. (Eds.). (2021). **Griots e Tecnologias Digitais**. EDUFBA.

DA SILVA BORGES, Rosane. Novas narrativas, educomunicação e relações raciais: um campo possível para o exercício da alteridade. **Educere et Educare**, 2015. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/12611>. Acesso em: 25 ago. 2023.

CARRERA, Fernanda. Racismo e sexismo em bancos de imagens digitais: análise de resultados de busca e atribuição de relevância na dimensão financeira/profissional. **COMUNIDADES, ALGORITMOS E ATIVISMOS DIGITAIS**, p. 139, 2020.

GALAFASSI, Fabiane Penteado; GLUZ, João Carlos; GALAFASSI, Cristiano. **Análise crítica das pesquisas recentes sobre as tecnologias de objetos de aprendizagem e ambientes virtuais de aprendizagem**. Revista Brasileira de Informática na Educação, v. 21, n. 3, p. 41-52, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Guaracira Lopes Louro-11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS. Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um ensaio-teórico?. **Revista de administração contemporânea**, v. 15, p. 320-332, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/4mNCY5D6rmRDPWXtrQQMyGN/>. Acesso em: 09 de jan. 2024.

OLIVEIRA, Eliane; DE PAULA SANTOS, Renata; DA SILVA BORGES, Rosane. **Identities e representações nos sistemas midiáticos (in) formativos: a charge e a construção da imagem do Outro**. RuMoRes, v. 7, n. 14, p. 177-195, 2013.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina1. **A Colonialidade do Saber: etnocentrismo e ciências sociais–Perspectivas Latinoamericanas**. Buenos Aires: Clacso, p. 107-126, 2005.

SILVA, Ana Célia da. **A representação social do negro no livro didático: o que mudou? por que mudou?**. Salvador: EDUFBA, 2011. 182 p.

SILVA, Tarcízio; BIRHANE, Abeba (Ed.) **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: Olhares afrodiaspóricos**. LiteraRUA, 2020.

SOUZA, Adriana Alves Novais; SCHNEIDER, Henrique Nou. **Da educação 1.0 à educação 3.0: desafios para a prática docente no Século XXI.** Olhar de Professor, v. 25, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/17555>. Acesso em: 21 de jan. 2024.

WALSH, Catherine; DE OLIVEIRA, Luiz Fernandes; CANDAU, Vera Maria. **Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra.** Education Policy Analysis Archives, v. 26, p. 83-83, 2018. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/3874>. Acesso em: 11 de jan de 2024.

SILVA, Tarcizio. **Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código.** Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afrodiaspóricos, p. 121-135, 2020.